



Numa gigantesca mamoa, a necrópole neolítica do Algar do Bom Santo

António Faustino Carvalho | CEAACP - Universidade do
Algarve



Figura 1 - A Serra de Montejunto vista de Almeirim, na margem oposta do Tejo. Todo o amplo espaço em torno desta "gigantesca mamoa" era, durante o Neolítico, o território de diversas comunidades humanas que partilhavam uma mesma necrópole coletiva, o Algar do Bom Santo.

A utilização funerária de grutas da Serra de Montejunto durante o Neolítico está bem documentada desde o século XIX. Não foi portanto uma surpresa quando, em 1993, uma equipa de espeleologia da AESDA descobriu uma cavidade, inédita, na vertente virada ao Tejo — o Algar do Bom Santo. A surpresa foi, sim, a extensão e o estado de preservação dos seus vestígios.

A desobstrução da entrada, que estava colmatada com um bloco de calcário talhado, rapidamente revelou o carácter intocado dos restos humanos e objetos ali deixados desde a última utilização, ainda em época neolítica. Logo no primeiro espaço de necrópole, após a descida de uma curta rampa, identificou-se, numa fina camada siltosa, as marcas dos pés descalços dos seus últimos frequentadores. Ficou assim batizada a Sala das Pegadas. No final das explorações espeleoarqueológicas contar-se-iam outras dez salas repletas de restos humanos e oferendas, onde se contabilizaram cerca de 125 esqueletos, num total de 285 m² de necrópole.





Figura 2 - No momento da descoberta do Algar do Bom Santo eram ainda visíveis marcas dos pés descalços dos últimos frequentadores neolíticos da gruta, que atravessaram este espaço entre a entrada e o interior mais profundo da necrópole, assim designado por Sala das Pegadas.





A escavação da Sala das Sete Cabeças e da Sala da Concha em 1994-2001, por Cidália Duarte, resultou na exumação de 8961 restos humanos, na maioria em posição secundária. Correspondem a 73 indivíduos, de todas as faixas etárias e incluindo 18 do sexo masculino e 20 do feminino. Estavam associados a (poucos) vasos não decorados, lâminas e geométricos em sílex, machados e enxós em rochas metamórficas, instrumentos em osso e contas de colar em concha e xisto. A necrópole seria, pois, coletiva e pertenceria a uma comunidade aparentemente igualitária.

Figura 3 - A Sala das Prateleiras é um dos onze espaços de necrópole da gruta, onde a impressão dominante é a de um caos de ossadas humanas, por vezes com oferendas diversas (potes de cerâmica, objetos em pedra polida...), que resulta da mistura de deposições funerárias superficiais.



Figura 4 - Vaso esférico, não decorado, de paredes alisadas ou brunidas, com 15 cm de altura. É um dos raros achados cerâmicos do Algar do Bom Santo e encontra paralelos na chamada "cerâmica dolménica".



Figura 5 - Conjunto de conchas de beijinho (*Trivia monacha*), perfuradas para uso como elementos de adorno, das quais se recolheram mais de 60 exemplares em escavação. Trata-se de um gastrópode marinho, portanto recolhido no litoral estremenho, cujas colorações originais, entre o rosa e o púrpura, com manchas escuras no dorso, lhe conferiam valor estético.

Figura 6 (página ao lado, à esquerda) - Enxó em rocha vulcânico-sedimentar, polida em ambas as faces e sem sinais de utilização, com 12 cm de comprimento, provavelmente oriunda no Baixo Alentejo. Os instrumentos em pedra polida, machados e enxós, estão entre as oferendas mais comuns nas necrópoles neolíticas, revestindo-se de um claro sentido simbólico que hoje nos escapa, e que se encontra também no Algar do Bom Santo.

Figura 7 (página ao lado, ao centro) - "A flauta", um enigmático objeto fabricado em osso longo de mamífero (veado?), cuidadosamente recortado e polido, com 27 cm de comprimento. Esta designação advém da sua morfologia geral mas em particular das perfurações que apresenta num dos topos. Porém, a inexistência de paralelos e as tentativas (frustradas) de produzir sons a partir da mesma obriga a rejeitar esta dedução inicial.

Figura 8 (página ao lado, à direita) Lâmina de sílex com 16 cm de comprimento (a maior encontrada até agora no Algar do Bom Santo), não retocada. Foi debitada por percussão indireta e usada como faca ou punhal. Análises preliminares sugerem que o sílex será originário das jazidas de Milanos (Granada), a mais de 500 km, onde a lâmina terá sido produzida por artesãos especialistas.



3cm



3cm



3cm



Figuras 9 e 10 - Aspectos da deposição funerária singular na superfície da Sala da Caçadora. Este indivíduo, que está acompanhado apenas por duas enxós em pedra polida (uma das quais junto à sua cabeça, como se observa na fotografia da esquerda), terá nascido e vivido numa região granítica, talvez nas Beiras ou no interior alentejano, e um quarto da sua dieta era composta por alimentos aquáticos. Estes dados sugerem que deteria um estatuto social diferenciado.

Uma deposição singular na Sala da Caçadora — que, na realidade, é de um indivíduo masculino — levantara já a suspeita de que alguns membros desta comunidade teriam um estatuto distinto. E, de facto, projetos pluridisciplinares levados a cabo em 2010-2018 desvendariam uma inesperada realidade. Se bem que a maior parte das oferendas seja oriunda do território envolvente, algumas percorreram distâncias consideráveis: um vaso foi trazido de Rio Maior, parte das rochas metamórficas foram importadas do Alentejo, e uma lâmina de sílex será proveniente da região de Granada. A análise isotópica desta população revelou três subgrupos: um, residente na Estremadura e Vale do Tejo, praticaria uma economia agropastoril; outro, habitando o mesmo território, tinha no entanto também uma componente aquática na sua dieta, obtida no então amplo estuário do Tejo; e o terceiro apresentava também essa componente aquática mas residia no Alentejo, junto ao Vale do Sorraia. O seu estudo genético mostrou uma dupla ancestralidade, com descendentes dos antigos mesolíticos de Muge e descendentes dos primeiros agricultores estremenhos, de origem levantina/anatólica.



Figura 11 - O “Altar” é um complexo espaço interior, a 70 m da entrada da gruta, que parece ter sido o centro das atividades rituais e funerárias realizadas no Algar do Bom Santo. Localiza-se num patamar sobranceiro à Sala das Braceletes onde, além desta estrutura megalítica com 3,5 m de comprimento, se identificou também uma estela antropomórfica e o que parece ser uma área de incineração.

Este padrão populacional, os seus diversos níveis de interação com o território, e a cronologia da ocupação (3800-3400 a.C.), correlacionam diretamente esta heterogénea sociedade com o início da construção dos primeiros megálitos alentejanos. A “estrutura de condenação” que colmatava a entrada da gruta, a construção megalítica (“O Altar”) e a estela antropomórfica erigidas na Sala das Braceletes, delimitando uma zona de cremação, além de vários aspetos do ritual funerário, indicam que esta gruta era mais do que uma necrópole. Era um polo agregador. A própria Serra de Montejunto, visível de além-Tejo, assemelha-se a uma gigantesca mamoa e detinha seguramente esse papel simbólico para as comunidades neolíticas instaladas nesta vasta planura megalítica.





Figuras 12, 13 e 14 - Três aspetos da Sala das Braceletes: a estela antropomórfica, com cerca de 2 m de altura e sinais de talhe para destaque dos ombros e cabeça, erigida e suspensa sobre blocos calcários; um exemplo de bracelete em concha de castanhola (*Glycymeris* sp.) recortada, ainda in situ no braço do seu possuidor; e uma vista de conjunto, com a área de incineração no centro (sedimentos enegrecidos) entre a estela (cujo topo se observa à esquerda) e o "Altar" (ao fundo).





Bibliografia

CARVALHO, A. F. (ed.) 2014. *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 17).

CARVALHO, A. F. 2016. On mounds and mountains. "Megalithic behaviours" in Bom Santo Cave, Montejunto mountain range (Lisbon, Portugal). Megalithic monuments and cult practices. *Proceedings of the Second International Symposium*. Blagoevgrad: Neofit Rilski University Press, pp. 114-123.

CARVALHO, A.F.; ALVES-CARDOSO, F.; GONÇALVES, D.; GRANJA, R.; CARDOSO, J.L.; DEAN, R.M.; GIBAJA, J.F.; MASUCCI, M.A.; ARROYO-PARDO, E.; FERNÁNDEZ, E.; PETCHEY, F.; PRICE, T.D.; MATEUS, J.E.; QUEIROZ, P.F.; CALLAPEZ, P.M.; PIMENTA, C.; REGALA, F.T. 2016. The Bom Santo Cave (Lisbon, Portugal): catchment, diet and patterns of mobility of a Middle Neolithic population. *European Journal of Archaeology*. 19:2, pp. 187-214. DOI: 10.1179/1461957115Y.0000000014

CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; ALVES-CARDOSO, F.; GRANJA, R. 2019. Till death us do part? Human segmentation in funerary practices in the Middle Neolithic cemetery cave of Bom Santo (Montejunto mountain range, Portugal). In VALERA, A. C. (ed.) - *Fragmentation and depositions in Pre and Protohistoric Portugal*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A., pp. 71-84.

CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; DÍAZ-ZORITA, M.; VALENTE, M. J. 2019. Multi-isotope approaches to the Neolithic cemetery-cave of Bom Santo (Lisbon): new data and comparisons with fourth millennium BC populations from central-southern Portugal. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11, pp. 6141-6159. DOI: 10.1007/s12520-019-00908-2

DUARTE, C.; ARNAUD, J. M. 1996. Algar do Bom Santo: une nécropole néolithique dans l'Estremadura portugaise. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, 2. Gavà: Museo de Gavà (Rubricatum; 1), pp. 505-508.



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).